

---

## APRESENTAÇÃO

A presente edição da Domínios da Imagem é publicada durante um episódio cujas implicações sociais, políticas, econômicas, culturais e psíquicas ainda não podem ser devidamente dimensionadas: a pandemia da Covid-19, popularmente conhecido como corona vírus. Com o primeiro foco na China no final de 2019, especialmente na cidade de Wuhan, a doença rapidamente espalhou-se para praticamente todos os países do mundo, transformando de forma profunda a rotina dos sujeitos históricos, lembrando que 1/3 da população global encontra-se em quarentena. Paralelamente ao isolamento, as informações têm sido amplamente difundidas na mídia e nas redes sociais, inclusive de forma audiovisual, dando margem tanto à informação quanto à desinformação (considerando as chamadas *fake news*), diagnósticos acurados de nosso tempo a delírios xenofóbicos.

Nesse sentido, a Covid-19 não é apenas um agente infeccioso: ele e suas inúmeras implicações são também imagem, seja no sentido restrito do termo, seja em seu significado amplo, envolvendo a esfera das representações. E imagens não são “apenas” formas de linguagem, mas meios que podem ser mobilizados no interior de conflitos simbólicos, como chama a atenção o sociólogo Pierre Bourdieu ao longo de sua obra. Imagens podem ser fontes para a organização de estratégias de ação, mas também podem ser acusadas, como têm feito certos estadistas em relação à imprensa, de inventar mentiras, enquanto um milhão e meio de pessoas encontram-se infectadas e cento e cinquenta mil mortas, numa estatística aproximada do dia 17 de abril de 2020. Como atenta o historiador Michel de Certeau, todo fato é, em certo sentido, uma construção, inclusive mediada pelo audiovisual. Mas, em tempos sombrios como os atuais, em que seres humanos morrem de um vírus até pouco tempo desconhecido, o que é aguçado pelo negacionismo de certas autoridades, é necessário problematizar a consistência dos dados que circulam pelo mundo.

---

A visualidade das epidemias não é um fenômeno novo e, por isso, na presente edição da Domínios da Imagem, temos como capa uma ilustração representando os embates sociais existentes durante a Revolta da Vacina, buscando dialogar historicamente com o momento presente. Dispensaremos aqui maiores comentários, na medida em que a historiadora Thaysa Stabelini desenvolve reflexões aguçadas acerca da questão. De qualquer forma, um olhar histórico ajuda a dimensionar a atual situação pandêmica a partir do tempo, pilar importante para o trabalho do historiador.

Porém, longe das epidemias, na seção “Artigos gerais”, o primeiro artigo desta edição, escrito sob a pena (ou o teclado) de Márcia Neme Buzalaf e Alisson Guilherme Gonçalves Bella versa acerca da representação construída pela Rede Globo sobre o carnaval carioca. Mais especificamente, é abordado o enredo intitulado “Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?”, que problematiza historicamente a exploração do trabalho.

A imagem também pode desempenhar papel importante em contexto didático, como chamam a atenção Ana Maria Pereira Lima, Isaíde Bandeira da Silva e Amanda Gonçalves Alboíno. As autoras abordam a utilização do QR Code, código digital que pode ser lido em equipamentos como *smartphones*. Utilizado no livro didático intitulado “Oficina de História 1”, o código é mobilizado como material numa escola estadual situada no município cearense de Quixadá. As pesquisadoras ressaltam o potencial educacional do recurso, envolvendo a dimensão interdisciplinar.

Além do contexto educacional, as imagens compõem também o imaginário religioso. Os historiadores André Camargo Lopes e Carlos Alberto Sampaio Barbosa analisam um conjunto de fotografias de moradores da região paranaense de Londrina retratados no Santuário Nacional de Aparecida, no Estado de São Paulo. As fotografias dos romeiros são utilizadas como ex-votos com o intuito de pedir milagres ou agradecer por aquelas realizados junto a Nossa Senhora Aparecida, considerada padroeira do Brasil no início do século XX. São fotografias que transcendem o caráter comum, alçando a categoria do sagrado para os fiéis.

---

Na esfera da música, a historiadora Patrícia Marcondes de Barros aborda o comportamento andrógino ligado ao Glam Rock, gênero concebido na Inglaterra na década de 1960. Destacam-se, no interior da estética, figuras como David Bowie, Marc Bolan, Lou Reed e, no Brasil, Ney Matogrosso e Edy Star. O Glam Rock é ligado a uma ideia de rebeldia, fortemente ancorado à questão do corpo, lembrando que, em território brasileiro, ele popularizou-se durante o período militar.

A fotografia é analisada, da perspectiva teórica, como instrumento potencializador da prática nos estudos organizacionais, segundo João Gabriel Dias dos Santos, Rafael Borim-de-Souza e Camilla Atibaia Cestari, que pertencem à área da Administração. Fundamentando-se em conceitos propostos por Bourdieu, os autores ressaltam o potencial comunicativo da fotografia.

Carolina Amaral de Aguiar analisa o documentário intitulado "Chicago boys", lançado em 2015 e dirigido por Carola Fuentes e Rafael Valdeavellano. Abordando os movimentos sociais durante as ditaduras chilenas, o filme entraria no delicado campo de disputa relacionado à construção da memória social no país.

Na seção "Pesquisas seminais", que publica artigo de mestrados, Gledson Rodrigues Nascimento busca compreender as manifestações estudantis brasileiras de maio de 2019, tendo como base fotografias produzidas pelo próprio autor durante os eventos, mas dialogando, também, com outras produções imagéticas. Ressaltando o paralelo com as manifestações de maio de 1968 na França, Nascimento resalta o potencial revolucionário e transgressor das mobilizações estudantis.

Por fim, na seção "Homenagens" da Domínios da Imagem, Jozimar Paes da Almeida realiza breve relato a respeito de Paulo Alves, professor do Departamento de História falecido em 2019. Além da carreira em duas instituições, a Universidade Estadual Paulista (UNESP) e a Universidade Estadual de Londrina (UEL), Alves dedicou-se à reflexão sobre as fontes imagéticas, contribuindo de forma importante para o campo de investigação.

A variedade de objetos de pesquisa, fontes primárias e abordagens teóricas utilizada pelos autores cujos textos compõem a presente edição sugerem, uma vez mais, a pluralidade do universo imagético que caracteriza a Domínios da Imagem há trezes anos, quando foi publicado o primeiro número de nosso periódico. Desejamos a todos os leitores, inclusive aqueles em quarentena, ótima leitura!